A Raposa Parteira — variante 1

Era uma vez um compadre e uma comadre — um lobo e uma raposa. Tinham eles um tacho de mel. E a raposa adora coisas doces; a comadre deitava-se com o compadre na cabana e batia de mansinho com o rabo. "Comadre, comadre", — diz o lobo, — "alguém está a bater." — "Ah, devem estar a chamar-me para a parteira!", — resmunga a raposa. "Então vai lá", — diz o lobo. Então a comadre sai da cabana e direitinha ao mel, lambuzou-se toda e voltou para trás. "O que Deus deu?" — pergunta o lobo. "Uma pontinha", — responde a raposa.

Outra vez, está a comadre deitada e a bater com o rabo. "Comadre! Alguém está a bater à porta", — diz o lobo. "Devem estar a chamar-me para a parteira!" — "Então vai lá." Foi a raposa, e outra vez ao mel, lambuzou-se até fartar: do mel só ficou um pouco no fundo. Vem ter com o lobo. "O que Deus deu?" — pergunta-lhe o lobo. "O miolo."

Uma terceira vez enganou a raposa o lobo da mesma maneira e já lambera todo o mel. "O que Deus deu?" — pergunta-lhe o lobo. "As raspadinhas."

Passado pouco ou muito tempo, a raposa fez-se de doente e pede ao compadre que lhe traga mel. Foi o compadre, e de mel nem migalhas. "Comadre, comadre", — grita o lobo, — "mas o mel está comido!" — "Como comido? Quem comeu? Quem senão tu!" — apressa a raposa. O lobo faz-se à cruz e jura por tudo. "Muito bem!", — diz a raposa. — "Vamos deitar-nos ao sol, aquele a quem o mel derreter será o culpado."

Foram e deitaram-se. À raposa não lhe vem o sono, e o lobo cinzento ronca com a boca escancarada. Olha e repara, na comadre apareceu o mel; e ela depressa o passa para o lobo. "Compadre, compadre", — empurra o lobo, — "o que é isto? Olha quem comeu!" E o lobo, não havendo remédio, confessou.

Aqui têm um conto, e para mim um pote de manteiga.